

A DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO MODELO EaD: LIMITES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA DISCIPLINA A DISTÂNCIA

Gustavo Luiz Gava¹
Cleverson Leite Bastos²

RESUMO

Este artigo está centrado no atual escopo epistemológico da filosofia, a denominada era digital. Trata-se não apenas do entendimento do mundo em que vivemos, mas buscar o mapeamento lógico, metalinguístico (metafísico) e psicológico que faz parte da primeira geração dos nativos digitais. A própria filosofia encontra-se inserida para além de uma categoria propedêutica (como categorizava Aristóteles), percebe-se que o mundo exige uma peculiar compreensão da própria vida. Por isso, a emergência em pensar uma nova ontologia. Uma ontologia tecnológica? Esta será a total emancipação da geração de nativos digitais que nasceram na transição da revolução noética do Século XXI. Mediante essa elucidação, são buscadas inovações que justifiquem a razão de ser de tal investigação interdisciplinar na Filosofia, tais como as possíveis propostas que eclodem por meio da tecnologia da informação e da comunicação (TIC). Destarte, primeiramente, exigir-se-á refletir a filosofia como disciplina em EaD. Entende-se que esta é uma das principais transições para situar a filosofia, bem como outras disciplinas, no mundo virtual: o ensino online. E, a partir daí, possibilitar que o próprio discente inclua-a em seu campo mundano: do virtual cognitivo para o concreto objetivo. Uma engenharia reversa do conhecimento.

Palavras-chave: Filosofia. Era digital. Ontologia tecnológica. Engenharia reversa do conhecimento.

ABSTRACT

This article focuses on the current philosophy's epistemological scope, the digital era. It is not only about the understanding of the world we live in, but to get the logical mapping, metalinguistical (metaphysical) and psychological which is part of the first generation of Digital Natives. The philosophy is inserted beyond a propedeutic category (as Aristotle has classified it), it is noticed that the world demands a peculiar understanding of own life. This already justifies the urgency to think about a new ontology. Is it a technological ontology? It certainly will be a total emancipation of the Native Digital generation, those who were born in the transition of noetic's revolution in the XXI century. Innovations are analyzed in order to justify the reason for such interdisciplinary research in philosophy, such as the possible proposals created through the information and communication technology (ICT). However, reflect the philosophy as a discipline in EAD should be the first step. This is a major transition to situate the philosophy and other disciplines, in the virtual world: online teaching. And,

¹ Doutorando e Mestre em Filosofia da Mente com ênfase em Ciência Cognitiva (Bolsista PUCPR), Especialista em Noergologia estudo da interface pensamento-cérebro (Bolsista NIP-UNIBEM), Especialista em Literatura Brasileira e História Nacional (UTFPR) e, Graduado em Filosofia. E-mail: gustavoluizgava@hotmail.com

² Doutor pela PUCSP com estágio de pós-doutorado na Universidade São Carlos, atua na linha de Epistemologia nos projetos Verdade e Método, no qual desenvolve trabalhos sobre "Teorias da verdade" e sobre a "Fundamentação epistêmica das ciências biológicas", e no projeto O Pragmatismo e suas repercussões na epistemologia contemporânea, no qual desenvolve trabalho intitulado "Os portadores da verdade e teorias não realistas". Trabalha preferencialmente com os autores: Giofre Muller, John Wargth, Karl Popper. E-mail: leite.bastos@pucpr.br

from there, enable the student to include it in your mundane field: from the cognitive virtual to the concrete goal. A reverse knowledge's engineering.

Keywords: Philosophy. Digital era. Technological ontology. Reverse knowledge's engineering.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo parte de uma abordagem acerca da importância da denominada era do conhecimento, e que desde a chamada revolução noética, houve uma célere produção de informação. Esta mudança também é conhecida por virada informacional. Evidencia-se, pontualmente, que a partir da década de 1970 (PALFREY ; GASSER, 2011, p. 12), a noção de informação está, *a priori*, pautada nos conceitos da teoria matemática da comunicação estabelecida pelo engenheiro elétrico do MIT Claude Shannon – considerado o pai da teoria da informação. Shannon, após as publicações de *A Mathematical Theory of Communication* (1948) e *The Mathematical Theory of Communication* (1949), foi pioneiro ao definir o conceito de informação a partir de uma teoria matemática da comunicação. Ou seja, a transmissão de uma mensagem – símbolo físico – entre um emissor e um receptor (SHANNON, 1948).

Igualmente, usa-se a noção de informação estruturada pelo epistemólogo e filósofo da mente Fred Dretske. Em sua obra intitulada *The Knowledge and The Flow of Information*, o autor distingue o termo informação apontando um núcleo comum (inteligência, instrução, conhecimento). A partir desta origem, Dretske evidencia que: “*they have a common nucleus. They all point in the same direction — the direction of truth. Information is what is capable of yielding knowledge, and since knowledge requires truth, information requires it also*” (DRETSKE, 1981, p. 45).

Entende-se, com base neste pano de fundo, que a informação passa a assumir um papel central na transformação da sociedade como um todo (YAMAOKA; GAUTHIER, 2012, p. 211). E, ao mesmo tempo, faz-se exigir, inclusive, uma nova noção ontológica acerca da tecnologia. Haja vista tamanha metamorfose tecnológica pela qual o universo digital está passando (YAMAOKA; GAUTHIER, 2012, p. 213). As chamadas novas tecnologias e todos os seus aparatos de dispositivos móveis transformaram tecnologicamente cada vez mais aquilo que “entendemos” por informação (PALFREY; GASSER, 2011, p. 13). Destarte, como

pensar a própria realidade tendo como noção um mundo formado por *bits*. O que é? Como funciona? E, como interagimos com este mundo? Temos, aí, uma ontologia tecnológica.

A posteriori é que se poderia pensar no discente, principal ator social nativo digital que percebe diretamente toda a maleabilidade da informação. Visto que para Palfrey e Gasser (2011, p. 17), estes atores sociais estão cada vez mais transformando em escala global a indústria, a política e a educação. Percebe-se que as escalas industrial e política, principalmente a primeira, estão sendo direcionadas e impulsionadas pelos nativos digitais. Entretanto, pergunta-se: a educação segue o mesmo ritmo? Ela estaria consideravelmente aberta às pressões destes atores às mudanças peculiares. Como manter a atenção dos nativos digitais, os *homo zappiens*, na era digital? Ou melhor, como educar na era digital? Como atender a nova demanda instrumental e métodos de ensino para esta geração? (VEEN; VRAKING, 2009, p. 27).

Às vezes, intelectualmente, percebe-se uma postura somítica entre os que tentam pensar o “novo” modelo de educação. A educação à distância. Pois, são recorrentes as mudanças em níveis instrumentais. Mas, não em pensar uma nova ontologia. A ontologia tecnológica. Por se tratar da realidade brasileira, deve-se levar em consideração que ainda se transita de maneira a testemunhar a própria *web 2.0*. E, pedagogicamente, em EaD, ainda é possível encontrar equívocos entre a vetusta mudança paradigmática, com efeito, *kaizen*. Sendo que o efeito *kaizen* é instrumental, é práxis; e a paradigmática já se encontra inflada, saturada e, terminologicamente, em plena barafunda.

O efeito *kaizen* não inspira mudança científica. Isto é, em EaD, precisa-se perceber que há um grande número de instrumentalização nos padrões por meio da ciência normal. Ou seja, uma postura iconoclasta. Mas não de transformação subitânea. O efeito *kaizen* não atende diretamente aos nativos digitais. Justamente porque há, aí, um choque de ideias, valores em construção e choque cultural. Para se entender este novo mundo da informação é necessário uma sublevação científica. Os nativos da era digital (os discentes) transgridem a própria linguagem engessada inserida na ideia de neutralidade científica, pois trafegam por meio de outra ontologia. Uma ontologia em que a informação está além de determinar uma linguagem com consequências morais e políticas.

Como afirmam Deleuze e Guattari, o “modelo” ontológico vigente cria “sentenças de morte” por causa de uma linguagem determinística à própria vida. Ou seja, “a linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida; a vida não fala, ela escuta e aguarda” (DELEUZE ; GUATTARI, 1995, p.13). Esta é uma questão semiológica que se deve aprofundar em estudos

futuros ao se levar em consideração aos nativos digitais como: fomentadores diretos desta nova maneira de lidar com a informação.

Entende-se que os nativos digitais estão ligados as novas tecnologias de maneira sintagmática. E a ciência move-se pela ação do próprio peso paradigmático. O físico e filósofo da ciência Thomas Kuhn explanou que esta postura lassa e, por vezes trivial, deve-se ao fato de que em ciência é comum a ação de não promover o progresso científico:

as revoluções científicas são os complementos desintegradores da tradição à qual a atividade da ciência normal está ligada [...] Para esses homens, a nova teoria implica uma mudança nas regras que governavam a prática anterior da ciência normal. Por isso, a nova teoria repercute inevitavelmente sobre muitos trabalhos científicos já concluídos com sucesso (KUHN, 2009, p. 25-26).

Embora sejam evidentes os inúmeros resultados e conquistas (de baixo para cima) da educação à distância, comparado ao pioneirismo instituído em território brasileiro desde 1941 pelo Instituto Universal Brasileiro, será que não é tempo de se pensar (de cima para baixo) por meio de uma engenharia reversa. Isto é, antes de se criar teorias e instrumentalizar ferramentas online, é preciso averiguar dois pontos cruciais para se pensar EaD: (1) Em ato, qual o viés de entendimento sob o conceito de informação; (2) Como possibilitar que o discente fomente a aplicação instrumental (conteúdos disponibilizados em plataformas virtuais) por meio de sua própria noética apriorística. Deve-se haver um encontro, um reconhecimento sintagmático por meio da reversão.

2 A REVOLUÇÃO NOÉTICA E A ENGENHARIA REVERSA DO CONHECIMENTO

Desde meados da década de 1980, considerada como a era digital, e da década de 1990, considerada como a década do cérebro, ocorreram diversos adventos das neurociências, da informática, da psicologia experimental, da inteligência artificial (considerando os estudos sobre redes neurais), quanto a discussões pedagógicas/filosóficas referentes à cognição humana, especificamente no que concerne à relação de aprendizado mente-cérebro, que retornam ao campo de discussão. O que é possibilitado não apenas pela era digital, mas também pela sinergia que essa mesma contribuição estabelece para o III Milênio. Esse fenômeno denominado pelo físico, filósofo e cientista da complexidade, o francês Marc Halévy, por revolução noética.

Segundo o autor, esta revolução trata não apenas da celeridade em que o mundo se encontra em nível de desenvolvimento tecnológico. Mas em um salto da sociosfera para a

noosfera terrestre. Isto é, sintagmática. Esta passagem “foi possibilitada enfim pelo surgimento súbito e explosivo das tecnologias da informação e da comunicação” (HALÉVY, 2010, p. 79).

Para Halévy, este salto humano não é político e nem econômico. Não pertence a esta esfera. Trata-se de uma revolução conceitual da informação como um todo. Sintagmaticamente, são exigidos aprofundamentos filosóficos, éticos e metafísicos. Um *weltanschauung* que (já) se faz presente para os atores sociais da era do conhecimento/era digital. A fim de não se perder tempo, talento e nem dinheiro, urge uma engenharia reversa do conhecimento. Todavia, não basta apenas inverter. Mas, sim, estar atento e observar a necessidade de tal inversão (HALÉVY, 2010, p. 81).

Então, pensa-se: se temos a escola invertida, precisaríamos de uma pedagogia cognitiva reversa para os espaços e meios virtuais. Percebe-se que ainda estamos em um modelo mecanonaturalista arraigado nos séculos XVII-XIX. De escala industrial. Ou seja, foco em serviços, produtos (plataformas, produtos, entre outros) e legislações – de baixo para cima. Quase que um ultraje àqueles que entreveem a EaD apenas como produto-serviço educacional. É preciso estar atento à tais questões, pois, como expõe HALÉVY (2010, p. 84): “a revolução noética – no sentido estrito do termo – constitui uma inversão para cima: não é mais o pensamento que está a serviço do homem, mas o homem que está a serviço do espírito”. E por carecer de tal *weltanschauung*, é possível, atualmente, encontrar teorias behavioristas e fiscalistas a servir como mapeamento e sustentação pedagógica ao universo da EaD.

3 A FILOSOFIA NA ERA DIGITAL: LIMITES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA DISCIPLINA A DISTÂNCIA

Não bastasse os desafios gerais que envolvem o universo da EaD, como, por exemplo, uma ontologia tecnológica, depara-se com a seguinte e peculiar questão: como viabilizar a disciplina de filosofia a distância. Segundo Deleuze e Guattari (2010, p. 11), “a filosofia é a disciplina que consiste em criar conceitos.” Segundo os filósofos, a filosofia possibilita tal engenho, pois é criadora no sentido estrito. E não apenas o livre pensar e o refletir desatado sobre as coisas do mundo.

Esta é a reputação generalizada que fez com que boa parte das ideias e/ou conceitos ligados a disciplina presencial de filosofia, igualmente, categorizassem-na como disciplina hermética no modelo EaD. Vista como arcabouço de conteúdos sem contextualização prática àqueles que a experienciam como disciplina forasteira aos seus cursos. Corriqueiramente,

pode-se escutar considerável número de discentes indagarem: “o que a filosofia tem a ver com o meu curso?”; “qual a aplicação da filosofia no dia a dia?”; ou “para quê serve a filosofia?” Encontra-se, aqui, uma barreira: o atual limite pedagógico à disciplina.

3.1 Limites

Como é possível sobrepujar este limite frente à era digital? Primeiro, por meio de uma engenharia reversa do conhecimento; segundo, por meio de uma estrita tradução dos saberes filosóficos como modo de vida. Haja vista que a própria era digital apresenta-se por meio deste caos de intensa informação. A filosofia na era digital deve servir para dar ordem para esta velocidade infinita da informação infrene, não apenas para estancar as lacunas de ementas curriculares. Pois, “nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa de si, ideias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 237).

3.2 Desafios

Para romper este limite, entende-se que as plataformas virtuais devam fomentar a apresentação da disciplina de filosofia *online* de maneira que o discente possa coparticipar criar e aplicar/ampliar os conhecimentos de base filosófica. Revertendo a estrutura pedagógica. Possibilitando, assim, o laboratório filosófico, filosofando. Como diz Deleuze e Guattari (2010, p. 244), “[...] para que haja acordo entre coisas e pensamento, é preciso que a sensação se reproduza, como a garantia ou o testemunho de seu acordo”.

Percebe-se que há nas variadas plataformas de EaD das instituições brasileiras, considerável avanço estético em *layouts*, pontuais e excelsas melhorias metodológicas, ordenação intuitiva e operação funcional que usufruem, pedagogicamente, dos melhores sistemas TIC. Todavia, há um paradoxo principalmente quanto à disciplina de filosofia: os conteúdos são passivos e herméticos. É um choque cultural-virtual. O conteúdo de filosofia é demasiado analítico e histórico. Trata-se, aqui, de uma crítica de encontro, pois se sabe que nesta disciplina, há exímios analíticos e historiadores da filosofia. Entretanto, esta maneira passiva de se entender a filosofia do concreto (sala de aula) para o virtual (plataforma *online*), nas portas do III Milênio, a mantém no mesmo pedagógico processo bizantino. O afastamento dos discentes.

Os nativos digitais, os homo *zappiens*, assim como a era digital e a revolução noética, fazem parte de um sistema amplamente complexo. Esses atores sociais – discentes – mantêm a todo o momento relações ativas, seja referente aos mais variados aplicativos e/ou às redes sociais. A todo instante estão ativamente a criar. Essas pessoas “cresceram em um mundo onde a informação e a comunicação estão disponíveis à quase todas as pessoas e podem ser usadas de maneira ativa” (VEEN; VRAKING, 2009, p. 29). Por isso que modulações analíticas passivas e estáticas não cativam este público. Exatamente “porque o que é complexo não pode ser reduzido por análise a um conjunto de componentes” (HAVÉLY, 2010, 43). O desafio atual para a disciplina de filosofia seria possibilitar a criação de plataforma *online* situacional, ativa e coparticipativa.

3.3 Possibilidades de apoio ao discente

Em 2012, o autor desta pesquisa desenvolveu juntamente com os discentes da disciplina (modelo presencial) de filosofia e ética da Universidade Positivo o projeto intitulado: “Laboratório Filosófico: a empresa do futuro”. Projeto finalista do evento da Universidade Positivo Fábrica de Ideias. Trata-se do Projeto (FIP 2012) responsável por captar e engajar ideias de seus colaboradores, docentes e discentes que empreendessem melhorias de serviço, produto ou gestão ao Grupo Positivo direta ou indiretamente.

O projeto “Laboratório Filosófico: a empresa do futuro” consistia na apresentação de temas/saberes filosóficos e a sua possível aplicação/tradução contemporânea na gestão pessoal do século XXI; bem como contribuir com as mesmas questões no cotidiano desses atores sociais, por meio de uma gestão filosófica pessoal.

Destarte, a ideia era averiguar seu potencial de aplicação existencial em um novo modelo empresarial, voltado à gestão do conhecimento relacionado à base filosófica. Este projeto piloto inicial teve duração aproximadamente de um semestre. A ideia central era desenvolver apoio aos discentes de maneira ativa, bem como promover as temáticas filosóficas, filosofando. Fomentando a coparticipação e o aprender criando.

Atualmente, investiga-se a possibilidade de desenvolver este mesmo projeto, modelo protótipo (Figura 1), e sua viabilidade em uma plataforma *online*. A levar em consideração a engenharia reversa do conhecimento à disciplina de filosofia. O fazer filosofia, filosofando a distância. Parte do conteúdo – com a devida coparticipação docente – seria desenvolvido pelos próprios discentes, bem como a escolha dos temas das aulas (calendário) e a troca de experiências empreendedoras entre a turma (grupo). Sua aplicação concreta e ralação com o

conteúdo desenvolvido. Além do foco no aluno não tradicional (PALLOFF; PRATT, 2004, p. 73), esta proposta visa à criação e aplicação do conteúdo. Para isso, é preciso estimular o ambiente cognitivo: “our minds are changed either because we ourselves want to change them or because something happens in our mental life that warrants a change” (GARDNER, 2008, p. 173).

Figura 1



Fonte: Plataforma situacional *online* de filosofia, elaborada pelo autor do artigo.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DRETSKE, Fred. **Knowledge and the flow of information**. Cambridge: MIT Press, 1981.

GARDNER, Howard. **Changing minds: the art and science of changing our own and other people's minds**. Boston: Harvard Business School Press, 2008.

HALÉVY, Marc. **A era do conhecimento: princípios e reflexões sobre a revolução noética no século XXI**. São Paulo: Unesp, 2010.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma e reformar o pensamento**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PALLOFF, Rena; PRATT, Keith. **O aluno virtual**: um guia para trabalhar com estudantes *on-line*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SHANNON, Claude. **A mathematical theory of the communication**. Technical Journal, v. 27, p.379-423, 1948.

SHANNON, Claude. WEAVER, W. **The mathematical theory of communication**. Illinois University Press, 1949.

VEEN, Wim; VRAKKING, Bem. **Homo Zappiens**: educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.

YAMAOKA, Eloi; GAUTHIER, Fernando. **Ontologia de dependência tecnológica de documentos digitais**: instrumento de apoio à preservação digital. Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 17, n.esp. 2, p. 211-226, 2012.